



A IGREJA INCLUSIVA ENTENDER PARA ACOLHER

Por Viviane Macedo

@PROJETOTEA_GRU

QUEM SOU EU?

Graduada em Pedagogia, Educação Especial e Letras, é Mestre em Educação Especial e Mestranda em Psicanálise. Possui especializações em **Neuropsicopedagogia, Alfabetização e Letramento, Docência no Ensino Superior, Neurociência e ABA**, além de formação complementar em inclusão, neuroaprendizagem e desenvolvimento infantil.

Professora universitária, atua na formação de educadores com foco em inclusão e neuroaprendizagem. **É idealizadora do Projeto TEA** Transformando Esperança em Ação, que atende cerca de 100 crianças com deficiência, e do SEAME, **projeto de apoio psicológico e emocional a mães atípicas**.

É autora da obra Autismo: Entendendo e Acolhendo – **A Igreja Inclusiva e ocupa a Cadeira nº 26 da Academia Mundial de Letras da Humanidade**, reconhecimento que evidencia sua contribuição para a educação inclusiva, a pesquisa e o desenvolvimento de projetos de impacto social.



AS BARREIRAS DA INCLUSÃO

O QUE SÃO BARREIRAS?

Segundo a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) – Art. 3º, inciso IV: Barreiras são quaisquer entraves, obstáculos ou atitudes que limitam ou impedem a participação plena e efetiva da pessoa com deficiência na sociedade, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas.

IMPORTANTE:

Na perspectiva da Lei Brasileira de Inclusão (LBI), a deficiência não é definida apenas pela condição clínica ou pelo diagnóstico apresentado pela pessoa, mas pela interação entre seus impedimentos de longo prazo e as barreiras físicas, comunicacionais, atitudinais, tecnológicas e sociais existentes. É essa interação que pode limitar ou impedir sua participação plena, efetiva e em igualdade de oportunidades na sociedade, reforçando a necessidade de promover acessibilidade, inclusão e eliminação de barreiras em todos os espaços.



QUAIS SÃO OS TIPOS DE BARREIRAS?

Os principais tipos de barreiras que dificultam a inclusão das pessoas com deficiência são as **barreiras físicas (ou arquitetônicas)**, que correspondem aos obstáculos presentes nos ambientes e edificações; as **barreiras comunicacionais**, relacionadas à falta de recursos que garantam uma comunicação acessível, como Libras, legendas e audiodescrição; as **barreiras atitudinais**, caracterizadas por preconceitos, estereótipos e comportamentos discriminatórios; as **barreiras tecnológicas**, decorrentes da ausência de tecnologias assistivas e recursos de acessibilidade; as **barreiras pedagógicas**, presentes quando métodos de ensino e materiais didáticos não contemplam as diferentes formas de aprendizagem; e as **barreiras nos transportes**, que dificultam o acesso e a utilização dos meios de transporte, comprometendo a mobilidade e a participação plena da pessoa com deficiência na sociedade.

MAS...E AÍ? O QUE NÓS TEMOS FEITO COMO IGREJA PARA RECEBER ESSAS FAMÍLIAS?

Estamos **acolhendo** essas famílias de maneira prática e amorosa?

Estamos **sobrecarregando** essas famílias com frases prontas?

Estamos cumprindo o **IDE** do Senhor?

PORTANTO, IDE E FAZEI DISCÍPULOS DE TODAS AS NAÇÕES, BATIZANDO-OS EM NOME DO PAI E DO FILHO E DO ESPÍRITO SANTO.

MATEUS 28:19



SINAIS DE ALERTA E MARCOS DO DESENVOLVIMENTO

É importante acompanhar o desenvolvimento infantil e estar atento a possíveis sinais de alerta. A ausência de sorriso ou demonstrações de alegria até os **6 meses**, a falta de resposta a sons ou ao próprio nome até os **12 meses**, a ausência de engatinhar entre **12 e 15 meses**, de andar até os **18 meses**, de falar palavras até os **16 meses** ou de formar frases simples até os **24 meses** podem indicar a necessidade de uma avaliação especializada.



Também merecem atenção a ausência de contato visual, a falta de gestos como apontar para objetos, o pouco interesse em interagir com outras pessoas, a presença de comportamentos repetitivos e restritos, a dificuldade em lidar com mudanças na rotina, a sensibilidade sensorial excessiva e a perda de habilidades já adquiridas em qualquer fase do desenvolvimento. Ao identificar **um ou mais desses sinais**, é fundamental buscar orientação de um profissional especializado para uma avaliação adequada e, se necessário, **iniciar uma intervenção precoce**.

AUTISMO E O DESENVOLVIMENTO DO CÉREBRO

O cérebro humano, em geral, possui cerca de 86 bilhões de neurônios. Em algumas pesquisas sobre o autismo, cientistas observaram diferenças no desenvolvimento cerebral, especialmente na infância.

ALGUNS ESTUDOS ENCONTRARAM:

O cérebro pode apresentar um crescimento mais acelerado nos primeiros anos de vida, período fundamental para o desenvolvimento infantil. Em algumas regiões, como o córtex pré-frontal, pode haver uma maior quantidade de neurônios. No entanto, as principais diferenças estão na forma como esses neurônios se conectam e se comunicam, influenciando o processamento das informações, a interação social e o comportamento.



O QUE UM ESTUDO ENCONTROU?

Um estudo amplamente reconhecido identificou que algumas crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresentavam cerca de 67% mais neurônios no córtex pré-frontal quando comparadas a crianças sem o transtorno. O córtex pré-frontal é uma região do cérebro responsável por funções importantes, como linguagem, socialização, planejamento, tomada de decisões e controle do comportamento. No entanto, é importante destacar que esse achado não está presente em todas as pessoas com TEA, pois o transtorno possui grande variabilidade. Cada indivíduo apresenta características e níveis de desenvolvimento diferentes, o que reforça que não existe um único padrão neurológico para o autismo.

CARACTERÍSTICAS DO AUTISMO

O autismo é um espectro: cada pessoa é única e apresenta suas próprias combinações de características e intensidades. **Importante:** Nem todas as características estão presentes em todas as pessoas com TEA. O apoio adequado promove desenvolvimento, autonomia e qualidade de vida.



RIGIDEZ COGNITIVA – rigidez cognitiva está relacionada à dificuldade de lidar com mudanças, imprevistos e situações inesperadas. Pessoas com TEA costumam apresentar maior necessidade de rotina, organização e previsibilidade, podendo demonstrar dificuldade para se adaptar a novas situações ou mudanças no ambiente e na rotina.

ESTEREOTIPIAS – As estereotipias são movimentos ou comportamentos repetitivos que desempenham um importante papel na autorregulação emocional e sensorial. Podem se manifestar por meio de ações como balançar as mãos, girar objetos, alinhar itens ou repetir palavras e frases. Esses comportamentos podem proporcionar conforto, reduzir a ansiedade e auxiliar no processamento dos estímulos do ambiente.

DIFICULDADE DE INTERAÇÃO SOCIAL – Pessoas com TEA podem apresentar diferenças na forma como se relacionam e interagem socialmente. É comum haver dificuldade para compreender sinais sociais, expressões faciais, emoções e intenções das outras pessoas. Em alguns casos, podem preferir interações mais limitadas, evitar contato visual ou encontrar desafios para iniciar e manter amizades.

ATRASOS NA FALA E NA LINGUAGEM – Nem todas as pessoas autistas apresentam atraso na fala, porém essa é uma característica que pode estar presente em parte do espectro. Algumas podem demorar para desenvolver a linguagem, apresentar dificuldades para organizar ideias, formar frases ou compreender instruções. Em outros casos, a fala pode ser fluente, mas utilizada de maneira diferente do contexto social.

PENSAMENTO ABSTRATO – Algumas pessoas com TEA podem apresentar maior dificuldade para compreender conceitos abstratos, ideias subjetivas e situações que exigem interpretação. Por isso, tendem a aprender com mais facilidade por meio de informações concretas, visuais e objetivas, encontrando desafios para compreender metáforas, ironias e duplos sentidos.

SENSIBILIDADES SENSORIAIS – As alterações no processamento sensorial são muito frequentes no TEA e podem envolver hiper ou hipossensibilidade a sons, luzes, texturas, cheiros, sabores e toques. Essas diferenças podem provocar desconforto, sobrecarga sensorial ou, em alguns casos, uma busca intensa por determinados estímulos, influenciando diretamente o comportamento e a interação com o ambiente.



COMO RECEBER UMA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA NO MINISTÉRIO INFANTIL?

ACOLHA A FAMÍLIA, NÃO APENAS A CRIANÇA

Converse com os pais antes do início das atividades. Pergunte como a criança se comunica, do que ela gosta, quais situações podem gerar desconforto e o que costuma ajudá-la a se acalmar. Os pais conhecem seu filho melhor do que ninguém. Ouvi-los é o primeiro passo para um bom acolhimento.

EVITE CHAMAR OS PAIS DURANTE O CULTO A TODO MOMENTO

Sempre que possível, tente resolver pequenas situações antes de chamar os responsáveis. Muitas famílias deixam de participar dos cultos porque são chamadas repetidamente por situações que poderiam ser resolvidas com paciência e compreensão. Chame os pais apenas quando realmente houver necessidade ou quando a segurança da criança estiver em risco.



CUIDADO COM O VOLUME DO SOM

Algumas crianças possuem hipersensibilidade auditiva. Música muito alta, microfones, palmas intensas ou gritos podem causar dor, ansiedade ou sobrecarga sensorial.

NÃO FORCE CONTATO FÍSICO

Nem toda criança gosta de abraços, beijos ou toques. Antes de tocar na criança, respeite seu espaço e observe sua reação. O carinho também pode ser demonstrado com um sorriso, uma conversa acolhedora e respeito aos seus limites.

RESPEITE O TEMPO DA CRIANÇA

Nem todas participarão imediatamente das atividades. Algumas precisarão apenas observar durante alguns encontros antes de se sentirem seguras. Participar no próprio tempo também é participar.

ENTENDA QUE COMPORTAMENTO É COMUNICAÇÃO

Se a criança chora, tampa os ouvidos, se isola ou apresenta uma crise, ela não está fazendo isso para chamar atenção. Na maioria das vezes, está comunicando que algo está difícil para ela: excesso de barulho, mudanças inesperadas, medo, cansaço ou sobrecarga sensorial.



EVITE FRASES COMO:

"É só falta de limite." "Na minha época isso não existia."
"É só orar que passa." "Ela precisa aprender na marra."

Essas frases machucam as famílias e demonstram falta de conhecimento.

RESPEITE O TEMPO DA CRIANÇA

Crianças com TEA costumam sentir-se mais seguras quando sabem o que vai acontecer. Sempre que possível:

siga uma sequência parecida em todos os encontros;
 avise quando houver mudanças;
 explique as atividades antes de começá-las.

INCLUA, NÃO APENAS PERMITA A PRESENÇA

A criança não deve apenas estar na sala. Ela precisa sentir que pertence ao grupo. Convide-a para participar, adapte as atividades quando necessário e incentive as outras crianças a acolhê-la com respeito e amizade.

"Portanto, acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo nos acolheu para a glória de Deus." (Romanos 15:7)



Muito Obrigada!



@VIVVIMACEDO



@AVIVIPOD

No meio de tudo que você faz pelos outros, não se perca de quem você é!

Viviane Macedo • Projeto TEA

